

AS TRAMAS NA NARRATIVA *BLANCA SOL* DE *MERCEDES CABELLO DE CARBONERA*

Cláudia Regina da Silva Rodrigues

Este estudo propõe analisar cenas do romance *Blanca Sol* escrito em 1889 pela autora peruana *Mercedes Cabello de Carbonera*. Buscaremos destacar a questão da busca da felicidade; fazendo uma comparação com autores que tratam da temática na Pós-modernidade. Pretendemos dar ênfase a aspectos que são comuns não só no final do século XIX, como podem ser relevantes nos tempos atuais. Logo em seguida, serão destacadas algumas das possibilidades de representação no romance *Blanca Sol*.

Os autores escolhidos para, com seus estudos de épocas distintas, contrapor a questão são: *Zigmund Bauman* em *Amor líquido*, publicado no ano de 2004; este destaca que "o principal herói deste livro é o relacionamento humano" (*BAUMAN*, 2004, p.6). Para ele ser líquido é mover-se com fluidez, facilidade, leveza (nos faz lembrar Ítalo Calvino em seu livro *Seis Propostas para o Próximo Milênio*¹, a busca da leveza surgindo como possibilidade de resistência, como reação ao peso do viver). O livro nos faz refletir sobre a mudança da sociedade moderna passando pelo individualismo até as relações de trabalho, família e comunidade, tempo e espaço deixando de ser concretos para se tornarem fluidos, leves e líquidos.

Calvino revela que já não se tem certeza para onde se está indo, onde se vai chegar ao fim de um relacionamento, questiona quem seria capaz de investir tempo e dinheiro no planejamento e construção. Afirma que "Formar uma família é como pular de cabeça em águas inexploradas e de profundidade insondável" (*Bauman*, 2004, p. 29).

E, *Sigmund Freud* em *O Mal-Estar na Civilização* escrito na década de 30, que apresenta como ideia central a discussão da repressão que é imposta pela sociedade, onde cada indivíduo está sob uma espécie de vigilância e a alienação gerada diante das regras inibe o desenvolvimento do ser humano.

Levando-se em consideração que o instinto humano é naturalmente agressivo, ao se libertar da repressão gerada pela necessidade de harmonia dentro do convívio social, a tendência é a destruição de seu meio. *Freud* nos ensina que a vida de cada um de nós é regida por dois princípios: o do prazer e o da realidade que obviamente entram em conflito. O indivíduo vive alienado em seu próprio mundo, devido às repressões impostas pela sociedade, não é possível que satisfaça seus instintos como de fato deseja; dessa forma não encontra possibilidades de realização de felicidade.

O mundo moderno trouxe uma infinidade de possibilidades de liberdade ao indivíduo; o sentir-se só se tornou facilmente superado pelo advento das

inovações tecnológicas. Hoje, não é preciso sair de casa ou ter alguém fisicamente ao seu lado para estar acompanhado; os parceiros são outros, são virtuais. Até mesmo as crianças e os adolescentes que costumavam ir ao encontro de seus amigos para estarem juntos compartilhando de conversas, brincadeiras e momentos de interação, agora o fazem com menos frequência.

Muito possivelmente estarão "acompanhados" de seus amigos virtuais, participando de jogos *on-line* e/ou redes de interação em seus computadores. A modernidade inovou a forma do ser humano se relacionar, e com isso trouxe mudança nas relações que antes eram necessariamente presenciais. Mas no passado não havia as possibilidades que existem na modernidade.

A teocracia da cristandade governava em nome de Deus, o que era bem diferente no Renascimento e no Iluminismo, pode-se dizer que a razão e a ciência são as referências vigentes. O homem lança-se ao progresso, é a época dos descobrimentos com as navegações, dos inventos e da tecnologia. A fundamentação do comportamento social está pautada em um novo momento com obviamente diferentes aspirações. Porém, a busca pela felicidade sempre esteve presente independente da época. Tal busca atinge patamares distintos, os indivíduos nunca deixaram de tentar satisfazer seus desejos, ou ao menos evitar o desprazer.

O romance *Blanca Sol* foi escrito por *Mercedes Cabello de Carbonera*, sendo publicado pela primeira vez no jornal *La Nación* em 1º de outubro de 1888, em Lima-Peru. Ela é uma destacada representante da literatura peruana, foi uma importante escritora de ensaios e novelas. A chegada do século XIX esboça, de certa forma a modernidade; o aumento da produção intelectual feminina; mas não, pelo menos ainda, a ponto de transformar a mulher em um ser independente capaz de dizer o que pensa. Todavia, *Mercedes Cabello* ousou com sua escritura.

O trabalho de *Carbonera* reflete sobre a presença da mulher nas práticas sociais e discursivas de uma cultura construída com base no androcentrismo; expõe a imagem da mulher e a projeta sem máscaras.

Defendeu a igualdade, a civilização e o progresso; reivindicou a educação da mulher dentro da sociedade peruana do século XIX, para que pudesse ter uma vida intelectual e conhecimento suficientes que permitissem confrontar o materialismo e a superficialidade que abundavam em seu meio. A autora rompe com a clausura do sujeito feminino e crítica as limitações concedidas às ocupações ou destinos que tem a mulher na sociedade peruana. Mas, para isso teve que enfrentar muitas dificuldades pelo fato de ser mulher e se dedicar à tarefa intelectual. Certamente que sua postura sempre adiante da sociedade em que vivia lhe causou um amontoado de dificuldades e inimizades.

Foi uma apaixonada incentivadora de mudanças que favorecessem à classe feminina; desejava melhorar a situação mediante uma grande campanha de educação de massas, especialmente a educação da mulher.

Mercedes Cabello foi uma grande escritora, porém ao final de sua vida foi esquecida. Após sua morte, apenas um jornal publicou uma pequena nota na qual informava o falecimento; nem um outro redigiu nada sobre o assunto, era como fizessem um complô diante do fato.

Blanca Sol é uma narrativa que conta uma história cotidiana; classificada como romance social, pois trata dos costumes e deformações da sociedade do século XIX. Romance Realista que retrata uma sociedade adoecida e cheia de vícios, tendo a crise moral como um de seus principais ingredientes. Tem como personagem principal uma mulher fútil, pronta a satisfazer seus desejos a qualquer custo; ao final, transforma-se em prostituta. Podemos dizer que a forma que *Carbonera* deu a seu romance é também uma crítica dura à forma literária romântica. A estrutura da feminilidade no romance em questão é, a princípio, de uma mulher emancipada, independente e à frente de seu tempo.

A mulher era vista como "o outro", o ser marginal e vivia sob a ideologia do patriarcado que naturalmente usurpava o direito alheio. E a escritura de *Carbonera* era uma tentativa de combater as relações de opressão. A força do discurso literário foi responsável por emoldurar a personagem da protagonista; que, no decorrer das primeiras páginas, traz a imagem de Blanca por completo.

Longe de ser um romance romântico, onde se descreviam a beleza até o cansaço, como homens, coisas e fatos podem ser formosos ou horríveis, atraentes ou repelentes, *Carbonera* fez uma obra em que transformou o sublime, o monstruoso, o excelso em algo com dignidade exercendo um grande fascínio artístico. Fez uma espécie de "metamorfose" da beleza onde tudo ficou distante daqueles extremos do Romantismo o que corresponde à existência sem brilho igual e triste das pessoas comuns. Converteu em matéria central de sua obra: o reino da mediocridade, o universo cinzento do homem sem qualidades, quase todo ele erigido sobre a esmirrada silhueta do anti-herói.

Carbonera mostrou como a mediocridade era característica profundamente representativa do ser humano, como na maioria dos casos de felicidade e desgraça é simplesmente a acumulação gradual e insensível de fatos miúdos e banais, e que o pequeno e opaco são mais próprios do homem que o grande e radiante; o vulgar e o pobre parecem-lhe legítimos porque são certos, porque representam a experiência humana. Escritura capaz de estampar um olhar feminino de modo tanto objetivo como subjetivo. Sua narrativa apresenta fatos fictícios baseados em acontecimentos da sociedade da época.

Blanca Sol (a obra tem o nome da protagonista), a personagem principal, é impulsiva e sentimental, dotada de uma rebeldia individual e egoísta, não respeita as regras impostas ao convívio social simplesmente por considerar seus caprichos mais importantes. E, para satisfazer suas vontades, é capaz de qualquer ato, do roubo à mentira. Enfrenta a família e a sociedade para pôr em prática seus prazeres, sua desenfreada vaidade e seu materialismo.

A protagonista pertencia a uma família distinta, porém já sem recursos financeiros. Teve uma criação que a tornou mimada, irresponsável e despreocupada com o mundo, somente lhe interessavam seus caprichos e uma vida de luxo. Foi educada como a maior parte das meninas da aristocracia da cidade: "*mimada, voluntariosa, indolente sin conocer más autoridad que la suya, ni más límites a sus antojos que su caprichoso querer*" (*Carbonera, 1889, p.5*).

Desejava usufruir da vida da melhor forma possível e como também um parceiro que a atraísse, mas não foi dessa forma que aconteceu. Casou-se com

Serafín Rubio ao qual não demonstrava afeto; o fato se deu por necessitar de dinheiro para pagar dívidas e despesas suas e de sua família. Como diz na obra: foi a vítima eleita para pagar as dívidas de *Blanca*. Possuía vários admiradores, com os quais sempre flertava, porém nunca foi adúltera.

A tragédia de *Blanca* é não ser livre. A escravidão acontece-lhe não apenas como produto de sua classe social – a pequena burguesia caracterizada por determinadas condições de vida e preconceitos – e de sua condição provinciana – mundo pequeno em que são escassas as possibilidades de fazer algo –, mas também, e talvez acima de tudo, pelo fato de ser mulher. Na realidade fictícia, ser mulher constringe, fecha as portas, condena a condições mais medíocres que as do homem. É verdade, na realidade fictícia a aventura está proibida à mulher; também o sonho parece privilégio masculino, pois aquelas que buscam a evasão imaginária são malvistas.

Quando aos trinta anos, cansada do matrimônio enfadonho e fracassado, se apaixona por um de seus admiradores e resolve entregar-se. Mas, esse a repudia e se casa com uma moça de origem humilde que foi costureira dela. *Serafín Rubio* é levado à falência por conta de sua falta de cuidado com os negócios e também por causa dos exageros de sua esposa.

E, diante da evidência de adultério que na verdade não foi consumado, termina louco em um manicômio. *Blanca* é agora obrigada a conviver com o desprezo da sociedade que antes a bajulava, a falta de recursos financeiros e filhos para sustentar; com isso decide viver em um bairro pobre da cidade.

Para resolver seus problemas financeiros, torna-se prostituta. Ao final da obra deixa a seguinte reflexão: *mañana habrá dinero para pagar mis deudas*. (*Carbonera, 1889, p.144*).

Pontos e Contrapontos

O homem moderno, ávido por relacionar-se, ao mesmo tempo em que busca uma relação, desta maneira repudia a solidão, não abre mão de sua liberdade, e para manter a liberdade mantém a relação, entretanto com uma outra configuração. Desta maneira, temos um novo modelo de relação amorosa: é a relação líquida, frouxa. O homem moderno busca o outro pelo horror à solidão, mas mantém este outro a uma distância que permita o exercício da liberdade.

Como sobreviver depois deste salto, ou melhor, do céu ao inferno em uma noite? “O amor, dirá *Bauman*, pode ser, e frequentemente é, tão atemorizante quanto a morte. [...] Assim, a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar.” (*Bauman, 2004, p.23*).

Numa sociedade onde as necessidades dos cidadãos estão constantemente em observação e a ser alvo de elaboradas estratégias de mercado, o sociólogo considera que as pessoas são estimuladas, de forma manipuladora, a consumir. Mas, podemos perceber que esse fato tão comum na atualidade também pode ser notado nas relações do passado; onde pessoas precisam “ter para ser”, é necessário cada vez mais estar à frente como se vivêssemos em uma competição.

No romance *Blanca Sol*, a protagonista está sempre atenta procurando impressionar os outros com adornos que demonstram riqueza e consumismo. Surge a ostentação como o motivo que induz ao consumo, dando início à era do bem-estar, onde o acesso ao conforto, satisfação dos prazeres passa a ser a principal motivação para a felicidade. É um exemplo de vida esvaziada que tenta suprir seus anseios através do consumismo vazio e mordaz, muitas vezes levando à mentira, ao desengano e à falência.

Blanca leva uma vida conturbada, proporcionada pela falta de capacidade de lidar com o mundo real. O drama em que vive é resultado dos seus desejos sem limites e sua insatisfação diante da vida. Sabota a sua própria felicidade ao tentar com que o mundo se adapte aos seus ideais e caprichos. É incapaz de perceber a realidade com exatidão, confunde seus desejos com a vida objetiva, residindo aí a sua falta de sensatez e grandeza que na obra se produz uma mistura de ilusão e realidade, ou seja, é tão importante o que acontece de fato quanto o que passa na imaginação dela.

O consumo emocional mostra para o consumidor a importância da experiência e das memórias afetivas àquelas que reconhecem como referência familiar. A sociedade de consumo provoca insatisfações com o que possui e atíça o desejo do que ainda não têm para ao conquistá-lo experimentar o sentimento do contentamento e da felicidade.

Não comprar ou substituir, o que deixa o ser humano em êxtase e prazer, é estar constantemente insatisfeito e ultrapassado em relação ao que o mundo oferece ou sugere. É estar em falta consigo e não pertencer ao círculo especial dos que já adquiriram o produto.

Em *Freud* vemos que ao questionar os padrões avaliativos dos homens o autor alega que comumente o ser civilizado valoriza fatores como poder, sucesso e riqueza, deixando de lado o que realmente é importante na vida.

O que nos remete à cena em que *Blanca* é incitada pela mãe a desfazer o compromisso com seu noivo por saber que os negócios dele não vão bem. *Freud* menciona que:

(...) pode-se tentar recriar o mundo, construir em seu lugar um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. (*Freud*, 1997. P.30)

Ela foi fiel aos princípios aprendidos em casa com sua mãe e suas tias, com isso nunca se deixou envolver afetivamente com alguém, somente pensava em providenciar o quanto antes um marido rico que resolvesse os problemas financeiros da família. Mas, para ela um relacionamento sem dinheiro não interessava; sendo assim permaneceu fiel a seus ensinamentos e desfez o enlace. O trecho abaixo da obra peruana nos faz entender o que ocorria em sua vida.

Cuando algún acreedor cansado de esperas evasivas, llamaba a la madre, ante los Tribunales de Justicia; los empeños influencias de sus amigos, cansaban al reclamante, que al fin érale forzoso conformar

con ofertas, las que Blanca apoyaba diciendo para sí: -Ya me casaré con algún hombre rico, que pague todas nuestras deudas. (Carbonera, 1889. P.12).

A fragilidade dos vínculos humanos são misteriosos, conflitantes e inseguros na medida em que o homem contemporâneo está abandonado ao seu próprio aparelho de sentido, de modo que tal aparelho tem, ao mesmo tempo, grande facilidade de conceder e descartar sentido nas "relações amorosas".

Segundo *Freud*, o ser humano tem uma necessidade intensa de proteção de um pai, justifica que tal estado deriva do desamparo do bebê, do anseio pelo pai, decorrendo daí a derivação das necessidades religiosas. Afirma que o homem recorre à religião para obter a proteção e consolo que um pai daria ao certo. Afirma que "A origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o sentimento de desamparo infantil".

A religião responde à questão do propósito da vida: "qual o sentido da vida?". O que decide o propósito da vida é o princípio do prazer, que domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. A religião seria uma espécie de defesa para o eu diante dos perigos que o mundo pode oferecer, é a necessidade inconsciente de uma proteção e balizamento das ações e procedimentos pessoais. *Blanca*, que não tinha nada de religiosa, teve seu momento de necessidade de proteção, onde recorreu à religião em momento de desespero quando se viu desprezada pelo almejado amante e sem a fortuna do marido.

Mundo identificado como líquido, em que as relações se estabelecem com extraordinária fluidez, que se movem e escorrem sem muitos obstáculos, marcadas pela ausência de peso, em constante e frenético movimento. O amor também passa a ser vivenciado de uma maneira mais insegura, com dúvidas acrescidas à já irresistível e temerária atração de se unir ao outro.

Nunca houve tanta liberdade na escolha de parceiros, nem tanta variedade de modelos de relacionamentos, e, no entanto, nunca os casais se sentiram tão ansiosos e prontos para rever, ou reverter o rumo da relação.

Quando, com toda justiça, consideramos falho o presente estado de nossa civilização, por atender de forma tão inadequada às nossas exigências de um plano de vida que nos torne felizes, e por permitir a existência de tanto sofrimento, que provavelmente poderia ser evitado; quando, com crítica impiedosa, tentamos pôr à mostra as raízes de sua imperfeição, estamos indubitavelmente exercendo um direito justo, e não nos mostrando inimigos da civilização. Podemos esperar efetuar, gradativamente, em nossa civilização alterações tais, que satisfaçam melhor nossas necessidades e escapam a nossas críticas. Mas talvez possamos também nos familiarizar com a ideia de existirem dificuldades, ligadas à natureza da civilização, que não se submeterão a qualquer tentativa de reforma.

Possibilidades de Representação em Blanca Sol - Heroína ou Anti-heroína?

Em quase toda a narrativa surge um personagem que se põe a refletir a cerca de suas próprias aspirações e convicções mais profundas a fim de superá-las. Este, dessa forma, pode ser marcado por um descrédito que o apresenta de forma dúbia – pois, representa a condição humana com toda a multiplicidade social, ética e psicológica; e ao mesmo tempo, buscará ultrapassar a sua própria condição, dando início ao que podemos chamar da caracterização que constitui a figura do herói.

Esta é caracterizada por atitudes que beneficiam e influenciam a sociedade, as pessoas e os pensamentos através de sua determinação, poder e inteligência. Em contrapartida existe também a figura do anti-herói que, ao contrário do que muitos pensam, não é o oposto do herói; e sim, alguém que é na verdade a representação de um ser humano comum, mortal.

O herói é alguém que empreende uma jornada, quer seja física ou psicológica e, que de alguma maneira rompe com tradições e conceitos estabelecidos tentando encontrar a si mesmo e a sua devida posição no universo. É capaz de sofrer transformações para adaptar-se e moldar-se ao meio, às necessidades; e também às circunstâncias culturais, políticas e sociais. Podemos dizer que a figura do herói e/ou anti-herói surgidas nas narrativas no final do século XIX são o reflexo da sociedade da época.

Caracterizam e problematizam a vida dos cidadãos e as questões sociais questionando os valores da sociedade. Pretende transmitir, através de sua representação, seus pensamentos e angústias, assim como o grotesco ou até mesmo o caricaturesco que se tornou o ser humano. Seu mundo inviabiliza uma construção humana baseada em moldes tradicionais. E, muitas vezes, dentro da narrativa a figura do herói chega a confundir-se com a do anti-herói. O herói tradicional foi canonizado pela literatura; e, com o passar do tempo as figuras divinas de sentimentos sublimes perderam a sua representatividade. A configuração do herói ganhou um outro enfoque e passa a ser inserido em um outro tempo.

A segunda metade do século XIX foi marcada por lutas sociais; e por consequência uma nova forma de retratar o mundo foi regido através de concepções distintas. Com isso, um dos pontos que muito se destacou foi a vida cotidiana em si e algumas de suas características tais como o egoísmo, o adultério e a vaidade. E, os romances dessa época não mais mostravam a mulher como uma figura idealizada; e sim, exibiam os seus defeitos e qualidades com naturalidade. A representação do herói desaparece dando lugar ao anti-herói ou ao herói problemático.

A sociedade burguesa do século XIX, regida pelas aparências e pela hipocrisia presente na sociedade, tem na protagonista do romance *Blanca Sol* a representação de uma mulher livre e à frente de seu tempo. Ela, em momento nenhum, permitiu que seu casamento, mesmo que sendo concebido como uma questão administrativa, servisse de prisão matrimonial.

Em *Blanca* encontramos a representação do herói em suas atitudes, que

de certa forma, liberta as mulheres que se identificam com a conduta da personagem. O herói é o próprio agente de transformação, derrubando regimes preestabelecidos e decadentes, propiciando a renovação da vida.

Durante a leitura do romance, temos a impressão de a vida ter um valor medíocre e insípido; as cenas narradas são permeadas de ações covardes e enganosas, os personagens em sua maioria não são dignos de louvores. A protagonista do romance em questão pode não ter sido uma heroína corajosa, mas demonstrou muita coragem quando percebe que tudo estava mal em sua vida, e que precisava empreender um novo rumo em sua história.

Ela é o retrato da heroína fracassada porque termina por sofrer as consequências causadas por si própria. Podemos dizer também que é uma heroína contraditória por ser vítima de seus devaneios; levou toda a sua história de vida e não alcançou a lucidez necessária para uma vida pautada na realidade.

Segundo Massaud Moisés (1992, p. 272), "herói é um homem divinizado, filho ou descendente de deuses"; ou seja, um ser dotado de características nobres, o que em nada se aproxima da protagonista do romance.

Blanca Sol é um paradoxo de si mesma, pois encena a força de um herói com a determinação que possui, lutando para concretizar os seus interesses. Como também é uma heroína que está condenada a autodestruição e a negação na tentativa de realização de seus desejos. Perde totalmente a noção da realidade e declara a sua condenação após a falência do marido. Seu mundo inviabiliza uma construção humana baseada em moldes tradicionais. E, muitas vezes, dentro da narrativa, a figura do herói chega a confundir-se com a do anti-herói.

Público e Privado – conflitos e interesses

Nas últimas décadas têm acontecido mudanças relevantes na situação das mulheres, em busca de novos pontos de equiparação e acomodação na questão de gênero e na partilha de tarefas. A constante busca de mudança na esfera privada, assim como a maior aceitação da mulher na esfera pública, obteve resultados bastante expressivos na condição das relações sociais de gênero.

Público e privado são dois termos que possuem vinculações que ultrapassam a simples noção de espaço. Para melhor compreensão é preciso dominar as relações de sentido que envolve a questão e, as formas como se realizam as ações e procedimentos que envolvem e configuram os termos. É interessante ressaltarmos que a noção do que era íntimo tomou diferentes dimensões com o passar do tempo; fazendo com que exista um limite tênue entre o que é considerado público e o que pode ser chamado de privado.

Tem havido uma crescente valorização do privado; uma forma de alastramento de significado para o que antes era considerado alheio. E, o que era considerado público vem ganhando um novo significado. Entendia-se por público algo que não fosse capaz de adentrar na intimidade do sujeito causando

exposição das referências pessoais do indivíduo. Assim como também, fazia menção ao que estava exposto para a observação de todos; era o ambiente regido pelo princípio da impessoalidade.

Com o transcorrer do tempo, não é mais possível tratar a questão do público e do privado referindo-se somente ao espaço; é necessário também observar como as relações têm sido processadas. Agora, o que é privado ultrapassa o limite da casa do indivíduo, invadindo assim o espaço público. E, o que antes era somente de domínio público, vem sendo mesclado à significação e ao funcionamento do privado.

O espaço público considerado como condição de liberdade; como condição de realização do próprio sentido de existência do ser humano. Não ter acesso a esse ambiente, seria como abdicar da própria liberdade, ou depreciar a si mesmo. De fato, o homem só é capaz de sentir-se realizado como cidadão se estiver integrado ao corpo social. Nesse sentido, podemos dizer que as divisas da esfera privada estão entrando em processo de decadência; mas, deixando lugar para a ascensão da esfera íntima.

A falta de espaço em que as mulheres possam se expressar com a mesma intensidade que os homens, principalmente nos séculos passados, como menciona *Michelle Perrot* (1998, p. 59), "Restritas ao espaço privado, no melhor dos casos ao espaço dos salões mundanos, as mulheres que permanecem durante muito tempo excluídas da palavra pública."

O lar, visto como a maior representação do espaço privado tem em seu interior depositado tudo que faz referência à intimidade. Os segredos, os pensamentos, os sentimentos, como também a intimidade física e psicológica de cada indivíduo são resguardados no interior de cada um; assim como também no interior de seus lares.

Para a protagonista do romance peruano *Blanca Sol*, o espaço da casa que deveria ser destinado ao prazer da família, torna-se ambiente público e palco de muitas recepções. Na obra, vê-se sempre o lar, ou seja, o espaço doméstico onde, a partir deste, *Blanca* tenta intervir no espaço público. Isso fica claro no episódio em que a protagonista utiliza-se de suas influências, conquistada com as variadas recepções, para conseguir um posto de Ministro do Estado para seu marido.

Para *Blanca Sol* nada do que pudesse fazer referência com espaço privado e familiar eram interessantes; em sua casa foi utilizado o mais alto luxo e requinte europeu, era se como preparasse um ambiente para si e também para o público. Não havia um limite entre a vida íntima (privada) e o restante que é transitável no espaço público; para ela nada disso importava. Em sua vida existia uma linha extremamente tênue entre as questões de ordem pública e privada. Conforme *Richard Sennett* (1988, p. 412), "A intimidade é uma tirania, na vida diária...". Não é a criação forçada, mas o aparecimento de uma crença num padrão de verdade para se medir as complexidades da realidade social. É a maneira de se enfrentar a sociedade em termos psicológicos.

Blanca Sol se ocupava de compromissos sociais; uma forma de manter-se sempre como uma figura pública e também de não assumir a maternidade. Além de sentir rejeição por seu esposo, ainda tem que conviver com o fato de

seus filhos serem parecidos com ele.

Ela poderia ter sido, mas não foi, uma pessoa discreta que cumpre com suas obrigações de mãe e mulher, em vez de tornar-se uma pessoa pública; mantendo-se em silêncio e não se tornando vulnerável diante da sociedade. A esse respeito *Sennett* faz a seguinte menção:

As obsessões com a individualidade são tentativas para se solucionar os enigmas do século passado pela negação. A intimidade é uma tentativa de se resolver o problema público negando que o problema exista. Como acontece com toda negação, isso só serviu para entrincheirar mais firmemente os aspectos mais destrutivos do passado. O século XIX ainda não terminou (Sennett, 1988, p. 44).

Ela desejava que todos soubessem como era a sua personalidade; o que terminava por ocorrer através do convívio social. Era uma forma de "autenticar" ou "legitimar" a si mesma através de seus atributos; uma forma de compensar o vazio que existia na vida pública de uma mulher do final do século XIX. Não havia um limite entre a vida íntima (privada) e o restante que é transitável no espaço público; para ela nada disso importava. Em sua vida, somente existia uma linha extremamente tênue entre as questões de ordem pública e privada.

Maternidade e infância

Com a chegada na fase adulta, o ser humano começa por se dissociar dos pais, o que para ele é uma etapa de vida complicada, pois requer inúmeras respostas oriundas de questionamentos e situações que surgem no cotidiano.

Antes não era necessário a tomada de decisões nas mais diversas ocorrências, normalmente se pode contar com a presença dos pais ou responsáveis e, com essa mudança aparecem as dificuldades que muitas vezes levam a soluções equivocadas.

Em *Blanca Sol*, temos uma criança que foi mimada por sua mãe e suas tias, as quais não lhe impuseram limites nem tão pouco lhe ensinavam que devia ter uma conduta moral a qual não ferisse os interesses alheios. Como viviam de uma pequena renda e, dispunham de uma vida de excessos onde não se limitavam a nada que uma pessoa de classe alta pudesse desfrutar; era preciso que sua mãe, por exemplo, pedisse favores para alguns comerciantes, pois, sem dinheiro não conseguia pagar as dívidas contraídas através de gastos excessivos e com isso necessitava préstimos.

Sua mãe a orientava a buscar um marido rico que pudesse sustentar seus luxos e de sua família; amor nem pensar! (...) *aprendió, por ejemplo, a estimar el dinero sobre todos los bienes de la vida: hasta vale más que las virtudes y la buena conducta (Carbonera, 1889, p. 6).*

Segundo Walter Benjamin, a criança necessita dos brinquedos e também de vivenciar brincadeiras. Aqueles que brincam livremente em contato com a natureza, que ouvem histórias contadas pela mãe, avós ou qualquer outro adulto desenvolvem a imaginação, são mais tranquilas e se tornam adultos equilibrados.

O mundo perceptivo da criança se enraíza e, ao mesmo tempo, se confronta com o mundo histórico. A criança, como o jovem que ainda não se adaptou as exigências do mundo adulto (do trabalho e da razão instrumental), está aberta a recepção das semelhanças sensíveis e sua formação individual se produz como aprendizado (e criação) do mundo.

A infância deve ser vivenciada em sua plenitude, porém como poderia a protagonista do romance *Blanca Sol* desfrutar de tais qualidades se não conheceu nada disso quando criança? Como poderia ela proporcionar o necessário para o bom desenvolvimento dos filhos, se, não conhecia esse mecanismo? Pelo contrário, essa fase da vida dela foi suprimida, lhe ensinaram ser uma adulta com interesses um tanto duvidosos. *Blanca* não vivenciou as fases de uma criança com brincadeiras inocentes como os demais pequeninos. É necessário que as crianças de tal idade estejam em condições de aprender determinadas coisas, quando não ocorre assim, esse sujeito não é um sujeito real, mas um sujeito construído.

Blanca Sol foi uma criança que, certamente não teve a oportunidade de aprender nada referente à infância e, em sua fase adulta só pôde externar o que trazia dentro de si. Os prejuízos foram irreversíveis, chegava até a esconder, o quanto fosse possível, a gravidez para que pudesse usar vestimentas mais justas que não mostrasse sua forma.

Certa vez, ao experimentar um modelito, sofreu um desmaio; ficando preocupada a costureira, esta pediu que a acompanhante chamasse seu marido, a resposta foi que *Blanca* a proibira de contar a seu marido esses episódios. Na verdade estava grávida de novo e se recusava a usar roupas condizentes com seu estado. Durante quase todo o romance, praticamente não se percebe a presença dos filhos dela, estes são criados pelos empregados da casa, a ela não interessava a educação dos filhos e somente pelo mundo de vaidades. E, como não havia recebido uma educação como deveria, não era difícil de reproduzir e, em consequência se interessar por outros valores que não os referentes à família.

Talvez a renúncia da maternidade se deva também ao fato de os filhos serem extremamente parecidos com seu marido; e este lhe causava asco. *Los hijos de Blanca, por desgracia de ellos, eran extraordinariamente parecidos con D. Serafín, es decir, eran feos, trigueños y regordetes. ¿Sería esta la causa por qué, Blanca era madre tan poco cariñosa para ellos? (Carbonera, 1889, p. 32)*

Ela foi uma vítima nas mãos de adultos que não souberam como lidar com a infância; e, com isso seus filhos também sofreram. A criança, tendo chegado ao mundo depois dos adultos, faz-se rapidamente depositária imaginária dessa diferença temporal. O universo dela, em verdade, é alheio a sua realidade onde tenta a todo o momento criar algo interessante; e, logo que se torna mãe nega a si mesma o fato, fazendo com isso que seus filhos sejam privados de sua companhia e carinho.

A negação da infância aponta para uma negação da subjetividade da infância, a qual impedida de entrar em contato com sua vida simbólica – já que os objetos externos são mais valorizados – deixar de sonhar, se transformar, e se emancipar. É preciso conhecer as condições da subjetividade da infância, os

produtos da sua negação, por mais que isso nos entristeça e nos assuste, sendo o único recurso para lutarmos contra a barbárie que muitas vezes se aloja na realidade de uma criança.

Ver e ouvir a criança são fundamentais em qualquer estudo que realmente deseja estudar a infância. Esse olhar e esse ouvir ficam ainda mais pertinentes quando leva em consideração o princípio de toda e qualquer infância: o princípio de transposição imaginária do real, comum a todas as gerações, constituindo-se em capacidade estritamente humana. É preciso levar em consideração uma concepção modificada da mente infantil em quaisquer ocasiões.

Referências:

- BACHELARD, Gastón. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Revisão técnica de Márcio Seligmann-Silva. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252. (Obras Escolhidas, 1).
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CABELLO DE CARBONERA, Mercedes. *Blanca Sol (Novela Social)*. Lima – Perú: Carlos Prince, 1894.
- CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. Trad. Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- FREUD, Sigmund. *FREUD, Sigmund: O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 10.^a ed. São Paulo: Cultrix, 1969.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. – São Paulo: UNESP, 1998.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. *Memoria del mal, tentación del bien. Indagación sobre el siglo XX*. Barcelona: Península, Traducción de Manuel Serrat Crespo. Ediciones Península, Barcelona, 2005.